

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA-BA

Michelle Ângela Ferraz Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Isabel Cristina de Jesus Brandão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O brincar está sempre presente na vida das crianças, uma atividade livre que promove entretenimento e diversão. Grandes autores já destacaram a importância das brincadeiras, pois elas proporcionam, além de divertimento, desenvolvimento, incentivando a capacidade de tomada de decisões, independência, aprimoramento da linguagem, ensinando regras, entre outras habilidades. O Brasil se destaca no que se refere às legislações que defendem os direitos das crianças, entretanto muito se discute quando vamos para a prática, como e se estão se fazendo cumprir as leis. A presente pesquisa foi desenvolvida durante a graduação em Pedagogia para o trabalho de conclusão do curso e buscou analisar as brincadeiras em uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Vitória da Conquista-Bahia, observando como as brincadeiras estão inseridas no cotidiano das crianças e a sua importância nas atividades da instituição. Constatamos que a brincadeira está presente na Educação Infantil, mesmo que às vezes sem um planejamento adequado, uma mediação adequada. Vimos a importância de cada aspecto que influi na brincadeira, desde os espaços, os materiais, os planejamentos, a execução e a mediação. Foi notório que as professoras se esforçavam para o melhor desenvolvimento das atividades, levando em consideração as condições físicas da instituição, a precariedade na formação e na formação continuada dos professores, a não realização das leis estabelecidas por falta de suporte governamental, tudo isso contribuindo para a não efetivação completa do direito do brincar.

Palavras chave: Brincadeiras. Educação Infantil. Políticas Públicas.

Introdução

A presente pesquisa propõe-se analisar as brincadeiras em uma instituição municipal de Educação Infantil da cidade de Vitória da Conquista-Bahia, observando como as brincadeiras estão inseridas no cotidiano das crianças e a sua importância nas atividades da instituição.

Um grande marco para a Educação Infantil é a sua inclusão na Constituição de 1988, sendo de extrema importância para o seu reconhecimento. O art. 208 inciso I da Constituição Federal estabelece: “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram

acesso na idade própria;” (Emenda Constitucional n. 59, de 2009). (BRASIL, 1988). Em 1996, a Educação Infantil tem suas leis e diretrizes estipuladas pela Lei 9.394, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases), que estabelece no art. 29 a Educação Infantil como: “[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Com o reconhecimento e fortalecimento por meio de políticas públicas, a Educação Infantil vem aos poucos conquistando o espaço que a lei determina nas escolas brasileiras.

A Declaração Universal dos Direitos da Criança traz no Princípio VII que: “[...]A criança terá ampla oportunidade para brincar e divertir-se, visando os propósitos mesmos da sua educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito.” Sobre este ponto de vista faz-se necessária a análise de como as brincadeiras estão inclusas no cotidiano escolar nas instituições de Educação Infantil.

O brincar está sempre presente na vida das crianças, uma atividade livre que promove entretenimento e diversão para elas. Grandes autores como Kishimoto (2010), Brougère (1998) e Wajskop (1997) já destacaram a importância das brincadeiras, pois elas proporcionam, além de diversão, desenvolvimento, incentivando a capacidade de tomada de decisões, independência, aprimoramento da linguagem, ensinando regras, entre outras habilidades.

O jogar e brincar, a brincadeira, estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial sua existência. O ‘brincar’ é a ludicidade do aprender. Enquanto brinca, a criança aprende. Por meio da brincadeira ela se envolve no jogo e sente a necessidade de partilhar, ser parceira e estabelecer relação (ROJAS, [entre 2000 e 2018], p. 2).

Todo o período de Educação Infantil é importante para a introdução das brincadeiras, esclarecendo também que a criança não nasce sabendo brincar, ela aprende por meio de interações com outras crianças e adultos. Dessa forma, as brincadeiras podem, sim, ser uma ferramenta no auxílio dos processos de desenvolvimento na Educação Infantil (KISHIMOTO, 2010).

Segundo Kishimoto, “o brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário” (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver (KISHIMOTO, 2010, p. 1).

Percebe-se como as brincadeiras mostram sua importância no desenvolvimento infantil, mas nem sempre foi assim, pois no passado as crianças eram vistas como miniadultos, por isso não havia atividades exclusivamente voltadas para elas. É a partir do século XVII que a sociedade começa a perceber que a criança tem suas peculiaridades, que ainda está em processo de desenvolvimento, mudando assim o olhar sobre a criança.

Há uma ampliação do debate das questões de Educação Infantil. Levando em consideração que a criança produz sua própria cultura, o processo de Educação Infantil é pensado para promover um ambiente de socialização e ampliação de conhecimentos, dando importância às necessidades das crianças, como o brincar, assim, a brincadeira passa a ser utilizada não só como forma de diversão, mas também como ferramenta de aprendizagem.

Portanto o brincar faz parte, e é de grande relevância para o dia a dia das crianças, é nessa perspectiva que se pode pensar em como utilizá-lo no âmbito escolar visando à ampliação dos processos de aprendizagem, como uma estratégia de ensino, que contribui para o desenvolvimento da criatividade.

Em vista dos argumentos apresentados, observando a importância da brincadeira no ambiente escolar e como esta representa um diferencial nos processos de ensino e aprendizagem, a pesquisa tem como *objetivo geral* analisar as brincadeiras em uma instituição municipal de Educação Infantil, observando como as brincadeiras estão inseridas no cotidiano das crianças e sua importância nas atividades das instituições de Educação Infantil. E tem como *objetivos específicos* verificar quais e a frequência das brincadeiras na instituição; quais momentos acontecem e o tempo destinado; analisar como se dá o processo de interação das crianças por meio das brincadeiras; identificar as concepções dos professores sobre o brincar; verificar a relação professor-aluno durante as brincadeiras. A pesquisa partiu da seguinte questão: Qual o tempo e espaço destinado à brincadeira na instituição? Como o brincar está inserido no dia a dia das turmas de Educação Infantil?

A partir das pesquisas selecionadas para a construção do referencial teórico, buscamos compreender qual o papel da brincadeira no cenário da Educação Infantil, para relacionar com a observação da prática, refletindo, a partir dos pressupostos teóricos, sobre o espaço da brincadeira na instituição escolhida para a pesquisa.

Metodologia

A metodologia escolhida para realizar a pesquisa é de caráter qualitativo, pois essa permitiu e possibilitou uma maior aproximação e compreensão com o objeto de pesquisa.

Sendo caracterizada por estudo de caso, esta foi escolhida, pois permitiu o estudo do ambiente escolar específico, analisando como as brincadeiras estão inseridas nas turmas de Educação Infantil.

Ludke e André (1986) destacam que o conhecimento não é algo acabado, mas uma construção que se refaz constantemente. Ressaltam também que uma das características do estudo de caso é que ele busca retratar a realidade de forma completa e profunda. Onde o pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. [...] (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

A pesquisa ocorreu na cidade de Vitória da Conquista, contando com observações durante quinze dias (21/10/2019 a 08/11/2019) das práticas em uma instituição municipal, analisando como brincadeiras fazem parte da rotina das turmas de Educação Infantil, se são planejadas, restritas, comandadas, buscando observar quais as brincadeiras mais escolhidas pelos alunos, se são realizadas coletivamente, em duplas ou individuais, se utilizam brinquedos (se sim, quais), dentre outros aspectos. Sempre verificando as relações professor-alunos e alunos-alunos durante as brincadeiras.

A instituição está localizada em um bairro periférico da cidade, atendendo crianças deste e de bairros próximos, na faixa etária de 3 a 5 anos. No momento da pesquisa contava com 294 alunos (2 com necessidades especiais), que são distribuídos em três turmas de 3 anos (integrais), duas de 4 anos (uma matutino e uma vespertino) e duas de 5 anos (uma matutino e uma vespertino).

Dentre os procedimentos utilizados na pesquisa, estão observações. Ludke e André (1986) destacam que toda observação como instrumento de investigação deve ser controlada e sistemática, sendo assim, é preciso a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho. “Planejar a observação significa determinar com antecedência ‘o quê’ e ‘o como’ observar”

(LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25), possibilitando um contato pessoal e próximo do pesquisador como fenômeno pesquisado.

Utilizamos também a entrevista semiestruturada com o corpo docente das turmas pesquisadas e com a coordenação pedagógica. É importante destacar que as entrevistas foram gravadas com a autorização dos sujeitos da pesquisa. Esta é uma das principais técnicas de trabalho escolhida por pesquisadores, e foi adotada, pois permite a captação direta da informação desejada (LUDKE; ANDRÉ, 1989), o desenrolar da conversa a partir de uma esquematização básica, possibilitando que durante a entrevista o entrevistador faça as devidas adaptações se necessário.

Assim foi realizado com os sujeitos da pesquisa, das três professoras e oito monitoras, foram entrevistadas uma professora e três monitoras, sendo que uma monitora se recusou a conceder a entrevista; a coordenadora pedagógica também foi entrevistada. Essas profissionais serão tratadas aqui por nomes fictícios. Ise é professora da turma de 5 anos, atua na área há aproximadamente vinte anos; Joe e Elis são monitoras de uma turma de 3 anos, Joe atua na área há doze anos e Elis, há vinte e um anos; Cristina é monitora de outra turma de 3 anos, também atua na área da Educação há dezenove anos. Todas são graduadas em Pedagogia. E por fim, a coordenadora pedagógica Mary, que também é graduada em Pedagogia, tem especialização em psicopedagogia, atua na área da Educação há onze anos e está na coordenação pedagógica da instituição há dois anos.

Ressaltamos que durante as reflexões e discussões do texto, escolhemos tratar no feminino os profissionais da Educação, pois majoritariamente os sujeitos da pesquisa eram mulheres, então refletimos isso na escrita, trazendo sempre termos como ‘professoras’, ‘mediadoras’, ‘monitoras’ e profissionais.

Brincadeiras na Educação Infantil de uma instituição do município de Vitória da Conquista-BA

Neste tópico trazemos os resultados da pesquisa coletados através dos instrumentos de pesquisa já pontuados, articulados com o referencial teórico escolhido para o desenvolvimento do trabalho. Pontuaremos as principais reflexões, partindo das falas dos sujeitos da pesquisa e das observações sobre a prática.

Nas entrevistas, professora, monitoras e coordenação pedagógica foram unânimes nas respostas relacionadas à importância da brincadeira na Educação Infantil. Quando indagadas sobre como compreendiam a brincadeira, elas definiram como “fundamental”,

“imprescindível”, “essencial”. Autores como Silva (2015), Kishimoto (2010), Brougère (1998) dentre outros já citados aqui, destacam essa importância. A monitora Cristina disse:

Eu acho fundamental, porque fala assim só vai pra brincar, mas não, não vai pra brincar, porque com esse lúdico aí que desenvolve a questão da psicomotricidade, a gente explora várias coisas, como as cores, dentro e fora, alto baixo... as texturas. Fora a imaginação deles porque isso aí a gente explora muito [...] esse faz de conta é uma riqueza para eles, porque desenvolvem, desenvolve a linguagem [...] (MONITORA CRISTINA, 2019).

No que se refere à questão, outra monitora afirma sobre a brincadeira: “fundamental, porque com a brincadeira a criança desenvolve a fala, a expressão. Então é essencial, de fundamental importância na Educação Infantil” (MONITORA ELIS, 2019). A professora Ise, da turma de 5 anos, afirma que “é fundamental para o desenvolvimento, inclusive tudo que a gente conta, a história, o brincar os gestos porque eles absorvem bem melhor”.

Na mesma perspectiva, Rojas pontua que:

Tanto o brinquedo, quanto a brincadeira permitem a exploração do potencial criativo do ser numa sequência de ações liberais e naturais em que a imaginação se apresenta como atração principal. Por meio do brinquedo a criança reinventa o mundo e libera suas atividades e fantasias (ROJAS, [entre 2000 e 2018], p. 2).

Quando indagadas sobre a compreensão dos pais acerca da presença das brincadeiras na instituição, as respostas foram muito parecidas. A monitora Elis, da turma de 3 anos, expôs que “eles acham que as crianças estão vindo aqui só para brincar, que não tem aprendizado nenhum, mas a gente tenta passar para eles que ali, eles estão construindo, eles estão aprendendo. Eles querem que a gente mande tarefa para casa [...]”. Nesse sentido, Barbosa e Horn (2019, p. 20) mostram que: “o que vivemos hoje é uma concepção hegemônica de escola como lugar onde as crianças aprendem apenas aquilo que lhes é ensinado, e o ensinado são os conhecimentos abstratos, disciplinares e acadêmicos.” Então o brincar inicialmente é considerado pelos pais como “tempo perdido”, a fala da professora Ise, da turma de 5 anos, reforça qual a opinião dos pais em relação à brincadeira: “muitas vezes os pais cobram muito, questão do conteúdo.”

É importante salientar que essa discussão é de extrema importância para romper com a visão padronizada que escola é lugar de atividades e tarefas impressas. As entrevistadas

ressaltam que durante todo o ano essa questão é trabalhada com os pais nos plantões pedagógicos.

Sabe-se como o planejamento é importante; seja o planejamento do ano letivo, da unidade, da semana de aula ou diário, muitos autores discutem a sua importância e na prática vemos como faz diferença contar com um planejamento.

O papel do planejamento é importante como apoio, tanto de revisão como de exercício da imaginação, de levantamento de possibilidades de uma ação educativa num tempo/lugar chamado escola. Serve para recolocar a professora como uma das mediadoras do processo de aprendizagem humana (REDIN, 2012, p. 23).

A brincadeira como um direito da criança precisa estar inclusa nos planejamentos, seja a brincadeira dirigida ou a livre. É evidente que o planejamento determina as direções, muitas vezes o docente não consegue pôr em prática todos os pontos que constam no plano, mas este é necessário, pois permite pensar nas possibilidades. Redin (2012, p. 23) assinala: “um planejamento, insisto, é muito mais um desenho sinuoso que permite ir e vir, dar voltas, ziguezaguear, do que uma prescrição linear.”

Quando indagadas sobre se as brincadeiras são incluídas no planejamento, e de qual forma, as respostas das entrevistadas da instituição foram unânimes em afirmar que sim. A monitora Cristina, da turma de 3 anos, disse:

São! [...] Assim, quando temos os jogos de montar, tem hora que eu faço uma brincadeira e trabalho cores, ai nos jogos de montar eu falo para separar todas as cores azul, quero as cores vermelhas ou então vamos fazer um círculo, porque tem os jogos de montar que dá para fazer o círculo, vamos fazer um quadrado e nisso ai já estamos trabalhando a matemática, e está incluído no planejamento (MONITORA CRISTINA, 2019).

Sobre o mesmo ângulo, Kishimoto (2010, p. 2) afirma que: “ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens.” A monitora Elis declarou: “sempre está incluída, todos os dias porque é de fundamental importância. Todos os planejamentos ela fala (a coordenadora), o contar história, a brincadeira, é fundamental.”

As entrevistadas da instituição deixaram claro nas suas respostas que a brincadeira é de extrema relevância para o desenvolvimento na Educação Infantil. Nas observações foi possível constatar que muitas professoras usavam desse instrumento tão valioso para o

impulso no desenvolvimento da criança, contudo surge uma questão de fundamental importância para discussão: se e como essas brincadeiras são direcionadas de acordo com os interesses dos adultos. Kishimoto (2010, p. 1) nos mostra que “é preciso desconstruir essa visão equivocada para pensar na criança inteira, que, na subjetividade, aproveita a liberdade que tem para escolher um brinquedo para brincar e a mediação do adulto ou de outra criança, para aprender novas brincadeiras”.

Enfatiza-se que as respostas dadas foram relativas aos períodos em sala de aula, nos horários de intervalo ocorridos nos dois períodos não há um direcionamento para as brincadeiras, nesses períodos as crianças ficam ‘livres’ para fazer o que quiserem. Durante as observações dos planejamentos, foi possível perceber que as entrevistadas buscavam incluir a brincadeira na rotina das crianças, geralmente de forma planejada (DIÁRIO DE CAMPO, 29 DE OUTUBRO DE 2019).

Quando perguntamos sobre quais são as brincadeiras mais presentes na instituição, as entrevistadas citaram blocos de montar, desenhar, percursos, jogos de cores, de faz de conta, canto, dança, dentre outras. A professora Ise, da turma de 5 anos, afirmou: “são mais abertas, eu canto muito, por exemplo, estou trabalhando dias da semana, então canto, eu acho mais leve, trabalho assim, porque eu vou cantando, o que vem antes o que vem depois, assim é fazer e fazer para não ficar chato, maçante. Porque não é fácil.” A mesma educadora, em outra parte da entrevista, também declarou: “eu trabalho com brinquedo de encaixe, eu trabalho com quebra cabeça, tem horas que eles falam, quero brincar disso...”. Assim, as entrevistadas citaram algumas brincadeiras, mas não descreveram a sua ocorrência.

Quando questionadas sobre a mediação das brincadeiras, se elas participavam, as respostas foram unânimes, em afirmar que sim. A monitora Joe confirmou: “Sim, sempre! Por exemplo, tem a batalha do movimento, a gente sempre participa aqui no pátio, toda semana.” A batalha do movimento é uma atividade que acontece uma vez por semana, na qual todas as turmas e professoras participam, geralmente mediadas pela coordenadora ou diretora da instituição. É realizada com caixa de som no pátio, diversas músicas com comandos, e as professoras vão instruindo e direcionando conforme a música toca, entre as músicas também são realizadas brincadeiras de roda. É válido assinalar que as crianças que não querem participar, não são forçadas a tal.

Certifica-se nas falas e reflexões que a brincadeira está inserida no planejamento da instituição, as professoras desenvolvem brincadeiras direcionadas prioritariamente para a sala de aula, mas há uma flexibilização quando surgem outras brincadeiras. O brincar livre

geralmente é efetivado no pátio, mas em algumas ocasiões é realizado em sala de aula. Por exemplo, quando as professoras oferecem o bloco de montar, os alunos brincam de diversas maneiras no brincar livre, seja montando carros, casas, castelos, ou fingindo que as peças são personagens, ou mesmo outros objetos. Já no brincar direcionado, o mesmo objeto (blocos de montar) é usado, só que com mediação da professora, na fala da professora Cristina, já descrita aqui, ela explica que pede aos alunos para separar em cores, formas, dentro e fora, dentre outros procedimentos.

Sabe-se o quanto os espaços físicos e a sua organização influem nas brincadeiras; os brinquedos, objetos e a disposição ajudam ou dificultam esse processo. Enfatiza-se também a segurança das crianças, pois o ambiente deve ser criado e pensado para que não ofereça riscos às crianças.

[...] um espaço físico preparado para a educação infantil deve garantir o imprevisto e possibilitar o convívio das crianças com as diferenças. Esse espaço não se resume à metragem, grande ou pequeno ele deve ser um ambiente, no sentido de ambientar tanto crianças como adultos, deve permitir que surjam as múltiplas dimensões humanas, as formas de expressão, assim como o imprevisto e os saberes espontâneos infantis (FARIA, 2007 *apud* NAVARRO, 2009, p. 33).

Quando questionadas sobre os espaços destinados às brincadeiras houve divergência nas respostas, algumas entrevistadas responderam que acham os espaços satisfatórios enquanto outras responderam o contrário. Inicialmente, podemos observar que a instituição é uma adaptação de uma residência, então nem todas as salas são tão amplas, conta com um refeitório médio e um pátio amplo cujo espaço poderia ser melhor aproveitado, mas não possui cobertura, o que dificulta a sua organização e utilização em dias de muito sol ou chuva. A brinquedoteca fica em um lugar de difícil acesso (com muitas escadas), por isso não é muito utilizada. Mas os brinquedos não ficavam disponíveis para as crianças, e mesmo aqueles que elas alcançavam não poderiam pegar, somente com permissão (DIÁRIO DE CAMPO, 21 DE OUTUBRO DE 2019).

Os espaços das brincadeiras não são os mais apropriados, uma vez que é necessário pensar no brincar também de forma segura. É o que vejo, principalmente na escola onde atuo, é que em prédios principalmente alugados não existe tanta importância quanto à segurança da criança. Tudo bem que as crianças precisam cair para aprender a se levantar, no entanto o piso deveria ser apropriado, as quinas deveriam ser arredondadas... uma vez que as escolas não têm sequer caixa de primeiros socorros para atenderem as

crianças em momentos de acidentes, que são bem comuns, como quedas, atritos, entre outros (COORDENADORA MARY, 2019).

Ressalta-se assim a essencialidade dos espaços, dos brinquedos, da organização, do pensar no ambiente para o educando, para que esse favoreça as relações, interações e brincadeiras. Conclui-se que esses fatores são essenciais e que necessitam um do outro, pois em conjunto disponibilizam oportunidades para os educandos.

A partir das observações e entrevistas foi possível perceber que a estrutura não é planejada especificamente para as crianças e sim adaptada, as professoras e monitoras a utilizam e se adaptam a ela da melhor forma possível. Um aspecto que se destacou durante as observações foi o uso da brincadeira como uma recompensa, em todas as turmas observadas as professoras/monitoras em algum momento utilizaram o argumento da liberação da brincadeira em troca de algum comportamento esperado, essa permissão da brincadeira era usada como artigo de chantagem, a professora dizia ao aluno que se ele não se comportasse não brincaria mais tarde (DIÁRIO DE CAMPO, 30 DE OUTUBRO DE 2019).

Em geral, o adulto considera o jogo um “não trabalho”, uma atividade a que a criança deve ter direito após realizar suas tarefas escolares, concepção que nos remete à teoria do relaxamento, presente desde a Antiguidade, no pensamento de Aristóteles e Sócrates. Sendo “não trabalho” a brincadeira parece não combinar com a escola [...] (MARTINS, 2009, p. 69).

No trecho acima pode-se observar como esse é um costume que perpassa um logo tempo. É necessária uma desconstrução dessa perspectiva de recompensa no brincar, o brincar é um direito, e utilizá-lo nessas situações dá a impressão que é apenas um bônus.

Ainda sobre o tema chantagem, esse foi utilizado em outros momentos, mas com a presença da pesquisadora, em falas como: “olha a pró olhando vocês se comportando mal”, “vamos mostrar para tia o que vocês sabem fazer”, usando a presença de uma pessoa diferente na sala para cobrar um comportamento ‘adequado’. É válido frisar que essa situação ocorreu em turma específica, uma das responsáveis pela sala notou que estava causando ainda mais estranhamento nos alunos com a presença diferente, e durante a semana os episódios com falas desse tipo foram se extinguindo.

No dia a dia da instituição foi possível perceber quais eram as brincadeiras mais escolhidas pelas crianças e professores. Em sala de aula, nos momentos vagos da rotina, as professoras sempre sugeriam algum tipo de brincadeira, sendo uma das mais utilizadas a com

blocos de montar. Em todas as salas observadas essa foi usada em algum momento, geralmente de forma livre, as professoras dividiam os alunos em mesas, onde colocavam diversas peças, para que eles construíssem o que quisessem.

Os momentos onde as crianças brincavam com os blocos de montar foram marcantes, seja pela autonomia dos alunos, pela criatividade, pela resolução de conflitos, é hipnotizante observar a interação das crianças. Os alunos ficavam concentrados no momento dessa atividade, construía diversas coisas, carros, casas, castelos, lancha, caminhão, cozinha, parques, enfim, uma infinidade de coisas, um certo aluno me chamou muito a atenção, ele construiu uma sala completa com uma tv e videogame, com um bloco de montar ele ‘fingia’ que era o controle do game, e apertava os botõezinhos jogando, comemorava e reclamava conforme imaginava que ganhava ou não (DIÁRIO DE CAMPO, 23 DE OUTUBRO DE 2019).

Na citação acima é possível perceber na prática como a brincadeira contribui para o desenvolvimento das crianças, elas construía diversas coisas, usavam do faz de conta para completar a brincadeira, resolviam os conflitos que surgiam sem precisar da intervenção da professora.

Outro instante em sala de aula muito aproveitado pelas professoras era o das histórias, geralmente formava-se uma rodinha no chão, as professoras faziam uma introdução sobre as histórias e depois da contação proporcionavam às crianças a oportunidade de tocar no livro, folhear, e comumente indagavam quem gostaria de recontar a história, era feito sempre um rodízio, cada aluno recontava em um dia.

Na hora do recreio os alunos brincavam livremente, nesse período era possível observar um pouco das brincadeiras mais utilizadas, que eram: gangorra, escorrega, amarelinha (pintada no chão do pátio), o túnel, casinha, pega-pega, esconde-esconde. Nesse ambiente todos os elementos eram aproveitados pelas crianças. Era rara a intervenção das professoras, pouquíssimas vezes interferiram nos conflitos. Esse brincar estimulava o reconhecimento das normas e a socialização, os alunos respeitavam o revezamento nos brinquedos e as regras que eram estabelecidas por eles mesmos nas brincadeiras. Como exemplo, um dia um grupo de alunos iniciou uma brincadeira de venda de picolé, a casinha era utilizada como a loja, e eles se revezavam entre funcionários e clientes, pois o dia estava muito quente, assim alternavam quem ficava na sombra e quem no sol. Nesse mesmo dia, outro grupo de alunos simulou que uma inclinação diferenciada no solo que levava à saída era uma piscina, e eles intercalavam quem entrava na piscina e quem ficava na borda.

Sobre a importância das brincadeiras tradicionais, Martins (2009, p. 40) pontua: “[...] as brincadeiras tradicionais, parte da cultura popular, são permeadas de ideias e valores que compõem a identidade de um grupo social, referência para a construção da identidade pessoal e social da criança.” Nas observações, essa característica foi notável, o que as crianças vivenciam, experimentam, ouvem, veem representam a cultura na qual está inserida retratada por meio das brincadeiras.

Considerações finais

Nas reflexões teóricas foi possível entender que para a efetivação da Educação Infantil idealizada nas leis e nos documentos oficiais, é necessária uma gama de características e pontos específicos, que vão se relacionar, como o espaço físico estruturado, o que na instituição observada não vimos. Por ser uma casa adaptada em creche, alguns ambientes não eram adequados. Outro ponto são os materiais, a instituição conta com alguns, mas não o suficiente para todos os alunos da instituição. Um aspecto relevante que precisa ser ressaltado são os planejamentos, foi notável ver que em todos a brincadeira foi pensada, discutida e inserida, e está também no PPP (Projeto Político Pedagógico) da unidade como um direito.

Assinale-se a vontade do corpo docente, todas, unanimemente, frisaram a importância da brincadeira, que ela deveria, sim, ter espaço na rotina, que deveria ser mediada, apesar de na prática essa realidade ser um pouco destoante das falas. Aqui podemos destacar a importância das formações continuadas para os professores, são essas que dão o suporte necessário para a atualização dessa prática. Interpreta-se o quanto o papel da professora é essencial como mediadora, dos espaços, da brincadeira, do desenvolvimento.

A partir das considerações até aqui realizadas, aliadas às observações sobre as práticas, as respostas das entrevistas e o resultado das reflexões teóricas, podemos constatar que a brincadeira está presente na Educação Infantil, mesmo que às vezes sem um planejamento adequado, uma mediação apropriada. Vimos a importância de cada aspecto que influi na brincadeira, desde os espaços, os materiais, os planejamentos, a execução e a mediação. Foi notório ver o esforço das professoras em busca de um melhor desenvolvimento das atividades. É preciso levar em consideração as condições físicas da instituição, a precibilidade na formação e na formação continuada dos professores, a não realização das leis estabelecidas por falta de suporte governamental, tudo isso contribui para a não efetivação completa do direito do brincar.

Referências bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#cfart208iv. Acesso em: 10/03/2019.

BRASIL. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13306.htm#art1 <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 21/05/2019.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 10/03/2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei n. 10.172 de 9 de janeiro de 2001**. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 10 jan. 2001, p. 1. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm. Acesso em: 16/07/2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf. Acesso em: 15/09/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **RESOLUÇÃO N. 5, de 17 de DEZEMBRO DE 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2009. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf. Acesso em: 27/10/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 01/05/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches**: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 01/10/2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Consulta Pública. Brasília: MEC, CONSED, UNDIME, 2015. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 30/11/2019.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. A cada dia a vida na escola com as crianças pequenas nos coloca novos desafios. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L. V. (org.) **Para pensar a docência na educação infantil**. Porto Alegre: Evangraf, 2019. cap. 1, p. 17-36.

BORBA, A. M. Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. **Momento – Diálogos em Educação**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 35-50, jun. 2008. ISSN 2316-3100. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/749>. Acesso em: 10/01/2019.

BORGES, G. S.; FLORES, M. L. R. Organização dos espaços por ambientes de aprendizagem: potencialidades para a ação educativa na educação infantil. In: FELIPE, J.; ALBUQUERQUE, S. S.; CORSO, L. V. (org.) **Para pensar a educação infantil**: políticas, narrativas e cotidiano. Porto Alegre: Evangraf, 2016. cap. 8, p. 161-181.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, v. 24, n. 2, p. 103-116, julho 1998 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14/03/2019.

BROUGÈRE, G. Lúdico e educação: novas perspectivas. **Linhas Críticas**. Brasília, v. 8, n. 14, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://ojs.bce.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/2985/2686>. Acesso em: 15/03/2019.

KISHIMOTO, T. M.. O jogo e a educação infantil. **PERSPECTIVA**. Florianópolis: UFSC: CED: NUP, n. 22, p. 105-128, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10745/10260>. Acesso em: 10/03/2019.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *In*: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, novembro de 2010.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, C. A. **A participação de crianças e professora na constituição da brincadeira na Educação Infantil**. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br.br/handle/riufc/2983>. Acesso em: 05/03/2019.

NAVARRO, M. S. **Reflexões acerca do brincar na educação infantil**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274801>. Acesso em: 05/03/2019.

REDIN, M. M. Planejamento na educação infantil com um fio de linha e um pouco de vento. *In*: REDIN, M. M. **Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012, p. 23-39.

ROJAS, J. **Jogar e brincar**: a ludicidade no contexto interdisciplinar do educador infantil. [S.l. s.n.], [entre 2000 e 2018].

SILVA, E. C. **Aprendizagens nas brincadeiras de crianças de 2 anos na educação infantil**: análise dos processos de desenvolvimento. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2757/6627.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07/03/2019.

WAJSKOP, G. O brincar na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Campinas: Autores Associados, v. 92, p. 62-69, fev. 1995.

WAJSKOP, G.. **Brincar na pré-escola**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. (Coleção questões da nossa época, v. 48). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb005_09.pdf.